

O APAGAMENTO DAS CONSOANTES RÓTICAS FINAIS: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE O PORTUGUÊS ARCAICO E O PORTUGUÊS BRASILEIRO

The final rhotic consonant deletion: a comparative study between Archaic Portuguese and Brazilian Portuguese

Débora Aparecida dos Reis Justo BARRETO¹

Gladis MASSINI-CAGLIARI²

Resumo: Este artigo estuda o processo de apagamento da consoante rótica final no português brasileiro de hoje (PB) e no português arcaico (PA), estabelecendo um contraste entre os dois períodos da língua, levando em conta tanto os verbos como os não-verbos presentes nas 27 primeiras *Cantigas de Santa Maria*. O objetivo deste estudo consistiu em verificar se, na época trovadoresca, os processos de apagamento da consoante final, que acontecem com muita frequência no PB atual, já operavam. Buscou-se estabelecer também se o fato da rótica final ter caráter morfêmico poderia interferir em seu apagamento. Os resultados alcançados indicam que, ao contrário do que ocorre hoje em PB, o -r final não sofria apagamento em PA, século XIII, uma vez que tal processo ainda não se aplicava. Os versos das cantigas analisadas atestam tal fato, pois a consoante rótica final era largamente utilizada como um recurso estilístico naquela época, participando ativamente na composição das rimas.

Palavras-chave: Consoantes róticas finais. Processos de apagamento. Português brasileiro. Português arcaico. *Cantigas de Santa Maria*.

Abstract: The present research studies the process of final rhotic consonant deletion in Brazilian Portuguese (BP) and in Archaic Portuguese (AP), establishing a contrast between both language periods, also considering verbs and non-verbs present in the first 27 *Cantigas de Santa Maria*. The aim of this study is to evaluate whether in troubadour period the process of final rhotic consonants deletion, which happens with high frequency in actual BP, already happened in AP. We also try to establish if the morphemic characteristic of final rhotic could interfere in its deleting process. The results accomplished indicate that, besides what happens today in BP, the final -r wasn't deleted in AP in the XIII century. The verses we analyze attest this fact because the final rhotic consonants were widely used as a stylistic resource at that time, actively participating in the composition of the rhymes.

Keywords: Final rhotic consonants. Deleting process. Brazilian Portuguese. Archaic Portuguese. *Cantigas de Santa Maria*.

1 Barreto. UNESP. E-mail: debi_barreto@hotmail.com. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-3788-7429>.

2 Massini-Cagliari. UNESP. E-mail: gladis.massini-cagliari@unesp.br. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-4050-7645>.

- | O apagamento das consoantes róticas finais: um estudo comparativo entre o português arcaico e o Português Brasileiro

Introdução e objetivos

O presente estudo visa promover uma análise do apagamento da marca de infinitivo no português brasileiro atual (PB) e no português arcaico (PA), estabelecendo uma comparação entre o que ocorre com as róticas finais nesses dois momentos da língua. A partir da análise de todas as palavras contendo consoantes róticas em posição de final de palavra nas 27 primeiras *Cantigas de Santa Maria*, busca-se estabelecer se, na época trovadoresca, século XIII, os processos de apagamento de *-r* final, que ocorrem no PB atual, já atuavam ou não. As análises buscarão verificar também se o fato do *-r* final ter caráter morfêmico interfere ou não em seu apagamento, caso este ocorra, também no período medieval. O estudo aqui desenvolvido se volta tanto para os verbos como para os não-verbos presentes no *corpus* em questão. É necessário pontuar que o apagamento da rótica final em não-verbos no PB atual ocorre devido a variações dialetais (OLIVEIRA, 2009; MENDES; OUSHIRO, 2014).

O *corpus* da pesquisa compõe-se de um recorte da lírica medieval religiosa. O material selecionado foi a edição de Mettmann (1986-1989) das *Cantigas de Santa Maria*, cancionero em louvor da Virgem Maria elaborado na segunda metade do século XIII, que teve sua autoria atribuída ao Rei de Leão e Castela, D. Afonso X, o Sábio. Trata-se, pois, de registros escritos de textos poéticos remanescentes da época do trovadorismo, época que possuía um sistema de escrita de base alfabética, em que a prosódia da língua não era especialmente marcada. Por conter um grande número de informações relevantes a respeito dos elementos segmentais e suprasegmentais da língua na qual os textos foram compostos, escolheu-se trabalhar com textos poéticos. No caso específico desta pesquisa, a escolha de textos poéticos traz a vantagem de o apagamento (ou não) do *-r* final poder ser checado na realização fonética das rimas, em caso de incerteza quanto à realização das palavras focalizadas.

Cantigas de Santa Maria

Segundo argumenta Fidalgo (2002), a Idade Média ficou conhecida como uma época de forte religiosidade e grande proliferação de narrativas dos inúmeros milagres de cada Santo. Já havia se tornado um hábito para os fiéis escutarem a narração dos prodígios dos Santos, provas da vitalidade de Deus em um momento em que as heresias compunham a estrutura da Igreja. A ideia de que Deus continuava se revelando aos homens por meio de milagres e prodígios estava, de forma decisiva, enraizada na mentalidade do povo medieval.

As *Cantigas de Santa Maria* (CSM) surgem em meio a este contexto. Segundo Leão (2007), tal material foi elaborado na segunda metade do século XIII, e teve sua autoria atribuída ao Rei de Leão e Castela, Dom Afonso X, o Sábio. Fidalgo (2002) argumenta que, se o autor das cantigas não fosse o Rei, elas nunca chegariam a existir, uma vez que a condição régia do autor colocou ao seu alcance meios que ajudam a explicar o luxo dos códices e também explicam a vastidão do repertório narrativo dos textos.

Segundo Leão (2007), D. Afonso X ocupou durante 32 anos o trono de Leão e Castela, fardo que lhe pesava. Para consolar-se e, de certa forma, fugir de sua realidade repleta de grandes responsabilidades, o Rei voltava-se para os estudos e para as mulheres. Grande parte das CSM foi escrita e traduzida por ele próprio. Outras, no entanto, apenas supervisionou, confiando o grosso da execução a seus colaboradores. D. Afonso X, apesar de ter o Castelhana como língua materna, optou por escrever as CSM em Galego-Português. Essa escolha se fez levando em conta a importância desta última língua, considerada erudita. O Castelhana era tido como uma língua popular, uma vez que era falado pelo povo.

Leão (2007) explica que D. Afonso compôs as CSM em honra e em louvor da Virgem Maria, de quem era muito devoto. Segundo Fidalgo (2002), a figura da Virgem Maria entra no Ocidente quando o Cristianismo visa a substituição dos vários Deuses das religiões protestantes por somente um Deus e vários santos.

A poesia trovadoresca, assim como a poesia feita por Dom Afonso, apresenta duas vertentes temáticas: a profana e a religiosa. A profana pode ser lírica ou satírica, e é composta por cantigas d'amor, escárnio e maldizer. Já as religiosas são as CSM. Compõem-se por cantigas de milagre e de louvor. As cantigas de milagre narram intervenções milagrosas da Virgem Maria em favor das pessoas que lhe prestam devoção, ocorridas em diversos lugares. Por outro lado, as cantigas de louvor são poemas líricos, em que o Rei louva as virtudes e a beleza da Virgem. Segundo Leão (2007), todo cancionero, no fundo, é um canto de louvor.

Outro aspecto interessante a respeito do texto elaborado por D. Afonso X é o fato de várias referências bíblicas estarem inseridas nas histórias, todas pertencentes ao Antigo Testamento. O rei D. Afonso X compôs as CSM para serem cantadas para o divertimento e entretenimento de um público inicialmente seletivo, provavelmente composto por cortesãos.

Voltando mais detalhadamente para as cantigas de milagre e de louvor, Leão (2007) as esmiúça de maneira a trazer ao leitor um panorama mais geral a respeito desses textos. Em geral compostas por uma narrativa curta, as cantigas de milagre expõem

- | O apagamento das consoantes róticas finais: um estudo comparativo entre o português arcaico e o Português Brasileiro

situações de crise que só se resolvem pela intervenção de um Santo. Após resolvido o problema inicial, o beneficiário do ato milagroso agradece inúmeras vezes seu “salvador” em um santuário dedicado àquele Santo. Há também a celebração de ressurreições, cura de doenças, engravidamento de esposas estéreis etc. As CSM, como nota Leão (2007), são, na verdade, uma espécie de documento que registra a mentalidade e os costumes de uma época.

As cantigas de louvor, por seu turno, mostram sempre o trovador (no caso, o Rei D. Afonso X) diante da Virgem Maria, exaltando suas qualidades ou oferecendo-lhe a sua devoção. A Virgem, em tais textos, sempre é mostrada como a que retira todo o mal, que tem em si todas as virtudes, que é cheia de graça e piedade. A figura do trovador se entrega de forma incondicional à Virgem, declarando-se seu entendedor, ou seja, seu namorado. Dela, D. Afonso X não deseja ou exige nenhuma exclusividade, pois quer vê-la em uma rede amorosa, adorada, venerada por todos.

As CSM são consideradas uma das obras mais ricas e magníficas de toda a Idade Média. A Virgem Maria encontra-se quase sempre em uma posição de destaque nas cantigas, uma vez que, por vezes, o trovador nega poder a um determinado Santo só para poder melhor exaltá-la. Um tema bastante comum e tradicional das cantigas é a oposição entre o amor mundano e o amor de Maria, evidência que reforça novamente o lugar de destaque ocupado pela Virgem nos textos de D. Afonso X.

Apagamento do -r em PB

Oliveira (2009), em *Fonética e Fonologia*, expõe, citando seu trabalho de 1983, que o apagamento das róticas se mostra muito mais frequente em posição final de palavra e que tal ausência é mais comum em verbos do que em não-verbos. Além disso, argumenta que o apagamento se configura como um processo variável, sujeito a condicionamento fonológico. Ainda citando Oliveira (1983), argumenta que, ao analisar ocorrências de Belo Horizonte, constatou que, entre os fatores linguísticos, o contexto fonológico seguinte se configura como o mais saliente. Tais contextos podem ser três: vogal, consoante ou pausa. Quando ocorre uma consoante na palavra seguinte após uma palavra terminada em -r, o apagamento desse -r final é favorecido. Já a vogal favorece o aparecimento de um tepe /R/.

Conforme Oliveira (2009), os estudos até então realizados no português do Brasil (PB) mostraram que há um contraste significativo encontrado entre, por exemplo, *carro* X *caro* ou pares semelhantes. Esse contraste somente ocorre entre vogais. Em outras posições, o que se tem são casos de variação condicionada ou de neutralização

obrigatória devido a um fone ou outro, dependendo da região. O autor argumenta que o apagamento do *-r* final mostra-se bastante produtivo nos verbos, fato que não acontece nos nomes, principalmente na região Sul do país. Em posição final, ocupando a coda da palavra, seguidas por vogais, as consoantes róticas sofrem um processo conhecido como ressilabificação, deixando de ocupar a coda para figurar no ataque da sílaba resultante. É o que ocorre, segundo o autor, em “mar abaixo”.

Mendes e Oushiro (2014), ao estudarem a comunidade paulistana, constataram que, ao desempenhar a função de morfema de infinitivo, o *-r* sofre apagamento de forma praticamente categórica na fala espontânea, fato que denota os estágios mais avançados da mudança sofrida pela língua com o passar do tempo. Em entrevistas sociolinguísticas realizadas com habitantes da cidade de São Paulo, verificou-se que as taxas de apagamento de *-r* final variam entre cerca de 3% em substantivos e cerca de 97% em verbos infinitivos. Também por meio da realização das entrevistas, pode-se perceber que o apagamento do *-r* é mais frequente em morfemas e em palavras mais gramaticais e relativamente menos frequente em palavras “de conteúdo”, isto é, palavras de significado lexical.

Se por um lado o apagamento do *-r* final é altamente favorecido na fala espontânea, os estudos de Mendes e Oushiro (2014) mostram que, por outro, tal apagamento é bastante desfavorecido na leitura e seus diferentes estilos. O contexto fônico precedente quanto ao traço de altura revela também possuir correlação, uma vez que o apagamento da rótica final é favorecido quando há vogais com traço [-alto] antes (a, ɔ, ε) e desfavorecido quando precedido por vogais com traço [+alto] (i, e, o, u). Os autores argumentam que a diferença observada entre os estilos de leitura e a fala espontânea se dá tão somente a pressões normativas, de que para se “falar bem”, deve-se falar da mesma maneira que se escreve. Com relação ao apagamento das consoantes róticas em outras classes de palavra, é importante pontuar que o traço [± contínuo] é relevante, pois o traço [-contínuo] favorece o apagamento.

Leite, Callou e Moraes (2003) explicam que as consoantes róticas, em posição de coda silábica, apresentam um elevado grau de polimorfismo e podem ser realizadas como vibrantes alveolares ou uvulares, fricativas velares, com ou sem aspiração. Discutem que tal alternância, observada nas róticas finais, se dá em decorrência do grande espaço articulatorio disponível, o que acarreta uma latitude articulatória mais ampla. A variação do *-r*, observada, segundo o artigo, em várias outras línguas do mundo, reflete um processo de posteriorização do ponto de articulação, que é acompanhado de um enfraquecimento e da conseqüente perda da consoante. Os dados analisados pelos autores mostram que, nos anos 90, houve um aumento significativo do apagamento do *-r* de infinitivo, o que pode ser explicado pelo fato de que o apagamento do *-r*, ao menos em verbos, deixou de ser considerado uma pronúncia estigmatizada na língua.

- | O apagamento das consoantes róticas finais: um estudo comparativo entre o português arcaico e o Português Brasileiro

Costa (2015) reafirma que a maioria dos estudos tem retratado que o apagamento do *-r* em final de palavra é um fenômeno muito produtivo na língua oral do português do Brasil. Ao citar Alvarenga e Oliveira (1997), a autora diz que as consoantes podem ocupar posições tidas como fortes e fracas na sílaba, sendo o ataque (*onset*) considerado uma posição forte e a coda ocupando a posição fraca ou instável da sílaba. Desta maneira, a coda é considerada um lugar que está sujeito a sofrer alterações, variações ou até mesmo apagamento. Costa (2015) explica que é bem mais comum o falante suprimir o *-r* de infinitivos e das formas verbais do futuro do subjuntivo. Além disso, expõe que palavras com mais de uma sílaba sofrem mais apagamento. Fica claro, por meio de tal revisão bibliográfica, que a tendência do PB é a de eliminar o *-r* em final de palavra e simplificar a estrutura silábica, voltando-se, então, ao padrão (C)V, estrutura mais canônica do português brasileiro.

Costa (2009) acrescenta que o “zero fonético” é uma das variantes mais produtivas das consoantes róticas finais e que tal fenômeno ocorre em praticamente todas as regiões até então pesquisadas. Segundo a autora, o apagamento do *-r* final não está condicionado ao fator classe social, uma vez que pessoas de todas as classes sociais tendem a apagar as róticas em coda. O apagamento de tais consoantes, assim, não se configura como um fenômeno estigmatizado em PB. É importante ressaltar que a autora se refere ao fato de que os falantes não estigmatizam o apagamento do *-r*, no entanto, o mesmo não ocorre com relação às gramáticas prescritivas, nas quais tais ocorrências sofrem estigma e são vistas como “erros”. Botassini (2011) apresenta na sua pesquisa estudos que comprovam que o apagamento da consoante /r/ quase não ocorre em posição interna de palavra. Também mostra que, nas falas de informantes com menos escolaridade, o apagamento do *-r* final ocorre com uma maior frequência, o que também é dito por Brescancini e Monaretto (2008). O fenômeno do apagamento das róticas em coda no PB é um assunto bastante presente em muitos estudos e hoje possui o *status* de variação estável na língua.

As róticas no sistema consonantal do PA

O português arcaico (PA), conforme define Massini-Cagliari (1995, 1999, 2015), é considerado como o período histórico da língua portuguesa em que se têm as primeiras manifestações em uma língua diferente do latim, embora seja derivada dele. Existem muitas controvérsias entre os pesquisadores quanto à delimitação temporal deste período e, em decorrência da não sobrevivência das manifestações orais de então, considera-se como sendo português arcaico o período que deixou registros escritos desta língua, sendo eles literários ou não, em verso ou em prosa.

Segundo Câmara Jr. (1979), no quadro latino dos fonemas consonantais, /r/ era uma vibrante anterior que se produzia por meio das vibrações da ponta da língua atrás da arcada dentária superior. A geminção, para o autor, se estabeleceu na pré-história da língua latina pela aglutinação de dois morfemas em um vocábulo. “Tinha-se assim: *agger* ‘monte’, ao lado de *ager* ‘campo’, *annus* ‘ano’, ao lado de *anus* ‘anel’” (CÂMARA JR., 1979, p. 49). Houve, nessa época, a simplificação das consoantes geminadas, ou seja, ocorreu uma supressão das oposições /pp/: /p/, /gg/:/g/ e assim por diante. Apenas o /rr/, embora sem a articulação geminada, manteve-se distinto de /r/ simples intervocálico, que sofreu uma lenização (um abrandamento) e tornou-se um /r/ brando. Já o /rr/ inicial (não intervocálico) manteve uma articulação considerada forte, de vibrante múltipla.

No livro intitulado *Para o estudo da fonêmica portuguesa*, Câmara Jr. (1977) realiza também uma discussão sobre o “problema das vibrantes”. Para ele, das 19 consoantes, somente as vibrantes possuem uma peculiaridade, que é a de se oporem unicamente quando estão em posição intervocálica. Segundo ele, “o /r/ forte aparece isoladamente em posição inicial ou medial não-intervocálica. Em posição pós-vocálica, há uma ‘cumulação’, nos termos de Bröndal, entre a vibrante forte e a vibrante branda, sem que o debordamento crie oposição” (CÂMARA JR., 1977, p. 78). Já em posição intervocálica, há a oposição (*ferre:fere, erra:era*, e assim por diante).

Câmara Jr. (1977) explica que, na primeira edição deste trabalho, ele sustentou a existência de somente um fonema rótico para o português, o /r/ forte, e interpretou o /r/ brando como uma variante posicional, enfraquecida, intervocálica. Para isso, era preciso que ele provasse que, no caso do /r/ forte intervocálico, havia, em realidade, uma geminção consonântica. Já na segunda edição do mesmo livro, abandonou essa interpretação, considerando preferível reconhecer a existência de duas vibrantes no sistema consonantal do português. Tais vibrantes só se opõem em posição intervocálica. Nos demais contextos, há a neutralização da oposição, inclusive na posição que, segundo o autor, configura-se como a mais favorável para a nitidez das consoantes, que é a inicial e na qual só aparece o /r/ tido forte.

Outro autor que trabalhou com a questão das róticas no PA foi Bueno (1967), em *A formação histórica da língua portuguesa*. Todavia, o autor, diferentemente de Câmara Jr., considera a geminção somente em termos ortográficos, ao passo que Câmara Jr. raciocina em termos fonológicos. Em seu livro, Silveira Bueno (1967, p. 79, grifos nossos) apontou a distinção dos fonemas /r/ e /rr/, existente na língua portuguesa, de maneira bastante sucinta:

- | O apagamento das consoantes róticas finais: um estudo comparativo entre o português arcaico e o Português Brasileiro

As palavras de origem latina, que tinham consoantes duplas: bb (abbatem, sabbatum), pp (cippum, opponere), cc (buccam, siccum, peccare), gg (exaggerare, suggerere), dd (adducere, addere), tt (mittere, sagittam), ll (caballum, gallinam) passaram a simples, embora mantendo-se intervocálicas: abade, sábado, cepo, opor, boca, seco, exagerar, sugerir, aduzer, aduzir, adir, meter, seta, cavalo, galinha. Fazem exceções: rr, ss, ff: as duas primeiras mantiveram-se para distinguir-se das simples (ossum = osso; passum = passo; *passerum = pássaro; ferrum = ferro; turrim = torre; currere = correr). As palavras de ff mantêm o f sem passá-lo a v segundo vimos, faz pouco: offendo = ofendo; affirmare = afirmar; affingere = efenger. As nasais também: comum (communem), ano (annum).

Outro autor que se debruçou brevemente sobre a questão das consoantes geminadas foi Coutinho (1974, p. 74), em *Pontos de gramática histórica*:

r – aparece geminado [em PA] no início e no meio da palavra, para que o seu som não se confunda com o do *r* brando: *rrainha* = *rainha*, *omrrado* = *honrado*. No entanto, encontra-se também *r* simples com o valor de dois *rr*: *tera* = *terra*, *recorer* = *recorrer*.

Nunes (1956) também faz uma pequena exposição sobre as consoantes geminadas. No entanto, segundo o autor, tais consoantes, na sua passagem para o português, reduziram-se a simples, com exceção de *r* e *s*, que continuaram a existir na forma dupla só na escrita, pois na fala, afirma o autor, elas ainda constituíam um som igualmente simples. Nunes (1956), assim, argumenta no sentido de que não há a distinção fonética entre os sons representados por <*r*> e <*rr*>.

Tarallo (1990) traz uma breve explicação sobre o que ocorreu às geminadas durante a evolução do sistema consonantal latino. O autor expõe, de maneira bastante simples e pouco detalhada, que houve uma perda das geminadas, com exceção do /*rr*/, vibrante múltipla, em alternância fonêmica com o /*r*/ brando.

Williams (1973[1939]) e Teyssier (1997) foram autores que também se voltaram a um estudo do percurso pelo qual passou a língua portuguesa, dedicando-se à reconstrução do passado da língua para poder entendê-la no presente. Teyssier (1997) pontua que, no período denominado “galego-português”, havia um /*r*/ tido como brando e um /*r*/ considerado forte, e que essa oposição fonológica sempre existiu no português em posição intervocálica. Em seu percurso pelos diferentes momentos da língua, ele afirma que, no século XIX, na Europa, surge uma pronúncia uvular do /*r*/ forte enquanto o /*r*/

brando mantém a sua articulação apical. Por seu turno, Williams (1973) pontua que, no PA, as únicas consoantes duplas intervocálicas que representavam sons diferentes da letra simples eram <rr> e <ss>, consoantes estas que já existiam no latim clássico. O autor considera que o <rr> é uma consoante longa e argumenta que ela ocorria em outras posições além da intervocálica: “*rr* iniciais, *rr* antes e depois de *l* e de *n*, e *rr* depois de *s*: *rreter* por *reter*; *Carrlos* por *Carlos*; *honrra* por *honra*. Êsse uso indica o som mais vibrante que o *r* ainda tem nessa posição hoje em dia” (WILLIAMS, 1973, p. 39).

Até aqui, por meio desta pequena exposição de textos e materiais que trabalharam a questão da rótica e da geminação no PA e no latim, pôde-se já notar que tais assuntos foram muito pouco abordados e estudados até hoje. A partir desse levantamento de dados, percebe-se, pois, a relevância do estudo das róticas e da geminação, uma vez que não se encontram muitos trabalhos na área. Faz-se necessário, como se vê, um aprofundamento a respeito das róticas no sistema consonantal do português arcaico.

Levantamento de dados

Na tabela a seguir, observa-se a quantificação dos dados obtidos por meio da análise das 27 primeiras *Cantigas de Santa Maria* (as duas cantigas iniciais, *A* e *B*, são o *Prólogo*). A quantificação em questão foi realizada por meio do mapeamento dos *-r* em posição de final de palavra em cada uma das cantigas do *corpus*. A somatória de todos os dados foi elaborada em um momento posterior, no qual foram separadas as ocorrências em verbos e em não-verbos.

Tabela 1. Quantidade de verbos e não-verbos em cada cantiga.

Cantiga	Verbos	Não-verbos	Total
A	2	5	7
B	28	21	49
1	32	15	47
2	5	11	16
3	17	10	27
4	17	14	31
5	117	67	184

(continua)

- | O apagamento das consoantes róticas finais: um estudo comparativo entre o português arcaico e o Português Brasileiro

6	11	12	23
7	27	6	33
8	9	24	33
9	13	21	34
10	13	16	29
11	25	26	51
12	11	1	12
13	8	10	18
14	15	22	37
15	49	66	115
16	66	15	81
17	19	21	40
18	32	22	54
19	6	17	23
20	3	7	10
21	33	18	51
22	18	10	28
23	3	4	7
24	36	8	44
25	102	28	130
Total	717	497	1.214

Fonte: Elaboração própria

Análise dos dados

Nos dados coletados nas *Cantigas de Santa Maria*, observou-se o não apagamento das consoantes róticas em posição de final de palavra, considerando como índice de não apagamento a grafia do *-r* final e, inversamente, do seu apagamento, a sua ausência. A consideração das rimas serve como checagem da categorização realizada com base na grafia do *-r* final, uma vez que, considerados os preceitos de metrificação sob os quais as *Cantigas de Santa Maria* foram compostas, as rimas deveriam ser perfeitas. Na tabela 1 observa-se que, das 1.214 palavras contendo /r/ em posição de coda silábica, 717 eram verbos no infinitivo (59,06% do *corpus*). O *-r* final não sofria apagamento no português arcaico trovadoresco tanto nos verbos como nos não-verbos (palavras pertencentes às demais classes de palavras existentes), diferentemente do que ocorre no português brasileiro atual, em que o *-r* de infinitivo é quase totalmente apagado na fala espontânea e o *-r* em final de palavras que não são verbos se mantém na maioria dos casos. A falta de apagamento do *-r* final no PA pode ser atestada pela ocorrência das rimas, que combinam sempre palavras finalizadas por *-r* com palavras que também apresentam esta característica. Os dados coletados por meio da análise das 27 primeiras *Cantigas de Santa Maria*, portanto, indicam também a não existência de condicionamentos morfológicos naquela época que levassem ao apagamento, uma vez que este ainda não ocorria.

(1)

*Quand' esto viu a moller, ouve **pavor***
*da primeir', e pois tornou-sse-l' en **sabor**;*
*e deu poren graças a Nostro **Sennor***
*e a ssa Madre, porque a quis **oyr**.*
*Santa Maria pod' enfermos **guarir**...*

(Trecho retirado da CSM 21, versos 55-59, grifos nossos³)

Embora não se tenha nenhum registro falado do PA, a escrita daquela época ainda não possuía uma ortografia congelada, uma convenção e, portanto, podia expressar de forma mais livre a realização de processos fonológicos. É claro que, se for feito um paralelo com o que ocorre no PB atual, há um menor número de casos de apagamento do *-r* em

³ O trecho em questão foi retirado da versão de Mettmann (1986, p. 112).

- | O apagamento das consoantes róticas finais: um estudo comparativo entre o português arcaico e o Português Brasileiro

final de palavra em textos escritos. Contudo, o PB possui uma norma padrão, uma escrita congelada e convencionalizada, que dita como se deve ou não escrever. No PA, a escrita possuía uma maior liberdade na representação da realização fonética de segmentos específicos (MATTOS E SILVA, 2006), a ponto de alguns autores chegarem a denominar a escrita do período como “fonética” (sobre a consideração da escrita da época como fonética, veja-se Massini-Cagliari, 1998, e referências ali arroladas).

Pode-se considerar também que, na época do trovadorismo, não somente não existiam condicionamentos morfológicos, mas também que o processo de apagamento do *-r* final ainda não se aplicava. Em algumas cantigas do *corpus* em questão, observam-se estrofes inteiras nas quais as rimas finais são construídas apenas com palavras terminadas em *-r*, o que mostra que não só não havia apagamento das róticas em coda, mas que também elas eram utilizadas como recurso estilístico para promover a sonoridade, o ritmo e a musicalidade das composições. Na cantiga 16, por exemplo, observa-se tal fato. Há um encadeamento de sete versos terminados em verbos no infinitivo que rimam entre si e formam um esquema de rima *AA BBBA* através de rimas consoantes, ou seja, rimas nas quais há uma correspondência total dos sons vocálicos e dos sons consonantais.

(2)

Quen dona fremosa e bõa quiser amar,
am' a Groriosa e non poderá errar.

E desta razon vos quer' eu agora dizer
fremoso miragre, que foi en França fazer
a Madre de Deus, que non quiso leixar perder
un namorado que ss' ouver' a desasperar.

Quen dona fremosa e bõa quiser amar...

(Trecho retirado da CSM 16, versos 3-9, grifos nossos⁴)

Voltemos então aos questionamentos que deram origem a este estudo: Os processos de apagamento do *-r* final, que ocorrem no PB atual, já atuavam ou não no século XIII? O fato de a rótica final ter caráter morfêmico pode interferir no seu

⁴ O trecho em questão foi retirado da versão de Mettmann (1986, p. 99).

apagamento? Em ambos os momentos da língua – PA e PB –, têm-se morfemas quando se está se referindo a verbos. A noção de morfemas pressupõe um significante (que pode ser menor, maior ou igual a um segmento) que está ligado de forma indissolúvel a um significado. O apagamento da consoante rótica final, fenômeno que ocorre hoje no PB na maioria dos verbos na variedade falada da língua, elimina apenas o significante, sem a perda do significado e, portanto, do morfema. O *-r* em posição de coda nos infinitivos verbais é sempre um morfema. Teyssier (1997), ao explicar que no PB há a tendência de suprimir o *-r* presente no final das palavras, fornece os exemplos: *pegá* (*pegar*) e *fazê* (*fazer*). Já nos não-verbos, também descritos por Teyssier como sucessíveis ao processo de apagamento, normalmente a rótica em posição de final de palavra pertence ao radical, não sendo considerado um morfema independente. Em PA, como já dito acima, o apagamento do significante não ocorre e não há condicionamentos morfológicos. O verbo *errar*, por exemplo, é grafado com a presença do *-r* de infinitivo, fato que não acontece na maioria das ocorrências do PB. Apagar as róticas finais dos verbos infinitivos é um fenômeno que compreende o nível fonético, nível que se encontra na *superfície* da língua, condicionado morfológicamente; tal apagamento não atinge a chamada estrutura *profunda*, o nível fonológico.

Conclusão

A partir dos dados coletados nas 27 primeiras *Cantigas de Santa Maria* e da realização de revisões bibliográficas sobre o apagamento do *-r* em final de palavras no PB atual, pôde-se estabelecer um contraste muito importante entre o que ocorria na época do português arcaico trovadoresco, século XIII, e o que acontece na atualidade no português brasileiro com relação ao processo de apagamento das consoantes róticas finais. A metodologia adotada neste estudo permitiu ir além dos dados registrados na escrita, possibilitando conclusões a respeito da fala da época trovadoresca, em que não havia gravador. Assim, este tipo de trabalho representa um avanço bastante significativo em relação aos estudos históricos desenvolvidos no século XIX e no começo do século XX, muito presos às manifestações gráficas dos sons daquela época.

Os resultados alcançados por meio da análise dos dados coletados indicam que, no PA, não havia nenhum condicionamento morfológico que levasse ao apagamento do *-r* em final de palavra tanto nos verbos como nos não-verbos. Pode-se interpretar também que esse processo, tão presente no português brasileiro atual, ainda não se aplicava naquela época. A ausência do apagamento da rótica final em PA atesta-se, pois, nos versos das cantigas estudadas, nos quais a consoante final é largamente utilizada na construção das rimas e, desta forma, transforma-se em um recurso estilístico. Já no português brasileiro

- | O apagamento das consoantes róticas finais: um estudo comparativo entre o português arcaico e o Português Brasileiro

atual, o processo de apagamento do *-r* em final de palavra ocorre quase na totalidade dos verbos em situação de fala espontânea e se mantém na grande maioria das palavras que não são verbos. Os dados analisados neste estudo nos permitem concluir, portanto, que os processos de apagamento do *-r* final, que ocorrem em grande parte dos verbos do PB atual, ainda não operavam no PA.

Agradecimentos: Gostaríamos de agradecer à FAPESP (processo: 2018/24793-3) e ao CNPq (processo: 303297/2013-1), que viabilizaram a realização deste estudo.

Referências

ALVARENGA, D.; OLIVEIRA, M. A. Canonicidade silábica e aprendizagem da escrita. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v. 6, n. 5, p. 127-158, 1997.

BOTASSINI, J. O. M. A variação no uso dos róticos em Porto Alegre. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 1060-1072, maio/ago. 2011.

BRESCANCINI, C.; MONARETTO, V. N. de O. Os róticos no sul do Brasil: panorama e generalizações. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 11, n. 2, p. 51-66, 2008.

BUENO, F. da S. **A formação histórica da língua portuguesa**. São Paulo: Edição Saraiva, 1967.

CÂMARA JUNIOR, J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CÂMARA JUNIOR, J. M. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

COSTA, G. B. O apagamento do rótico em coda silábica na escrita de estudantes catuenses. **Letra Magna – Revista eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa**, Linguística e Literatura, ano 05, n. 10, p. 1585-1590, 2009.

COSTA, I. D. Q. **Da oralidade à escrita: uma abordagem fonológica sobre o apagamento do “r” na escrita de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II.** 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras e Artes, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2015.

COUTINHO, I. de L. **Pontos de gramática histórica.** Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

FIDALGO, E. **As Cantigas de Santa María.** Vigo: Edicións Xerais de Galicia, 2002.

LEÃO, Â. V. **Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o sábio. Aspectos culturais literários.** São Paulo: Linear B; Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.

LEITE, Y.; CALLOU, D.; MORAIS, J. Processos de mudança no português do Brasil: variáveis sociais. *In*: CASTRO, I.; DUARTE, I. **Razões e Emoção.** Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus. v. 1. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2003. p. 87-114.

MASSINI-CAGLIARI, G. **A música da fala dos trovadores.** Desvendando a prosódia medieval. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

MASSINI-CAGLIARI, G. **Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento.** Araraquara: FCL, Laboratório Editorial, UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999.

MASSINI-CAGLIARI, G. Escrita do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*: fonética ou ortográfica? **Filologia e Lingüística Portuguesa**, São Paulo: Humanitas, n. 2, p. 159-178, 1998.

MASSINI-CAGLIARI, G. **Cantigas de Amigo: do ritmo poético ao lingüístico.** Um estudo do percurso histórico da acentuação em Português. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

MATTOS E SILVA, R. V. **O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe.** São Paulo: Contexto, 2006.

MENDES, R. B.; OUSHIRO, L. O apagamento de (-r) em coda nos limites da variação. **Veredas on-line – atemática**, Juiz de Fora, v. 18, n. 2, p. 251-266, 2014.

- | O apagamento das consoantes róticas finais: um estudo comparativo entre o português arcaico e o Português Brasileiro

METTMANN, W. (ed.). Alfonso X, el Sabio. **Cantigas de Santa Maria (cantigas 1 a 100)**. Madrid: Castalia, 1986.

MONGELLI, L. M. **Fremosos cantares**: antologia da lírica medieval galego-portuguesa. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

NUNES, J. J. **Compêndio de gramática histórica portuguesa**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1956.

OLIVEIRA, D. da H. **Fonética e Fonologia**. Curso de Letras. Fascículo II. UFPB, 2009. Disponível em: http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/fonatica_e_fonologia_1360068796.pdf. Acesso em: 25 abr. 2017.

TARALLO, F. Túnel fonológico II: as consoantes. **Tempos lingüísticos**: itinerário histórico da língua portuguesa. São Paulo: Ática, 1990. p. 106-116.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

WILLIAMS, E. B. **Do latim ao português**: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: BARRETO, Débora Aparecida dos Reis Justo e MASSINI-CAGLIARI, Gladis. O apagamento das consoantes róticas finais: um estudo comparativo entre o português arcaico e o Português Brasileiro. **Revista do GEL**, v. 16, n. 1, p. 37-52, 2019. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v16i1.1873>

Submetido em: 23/01/2018 | Aceito em: 05/11/2019.
